

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)



Comunicação, Jornalismo e Espaço Público

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C741	Comunicação, jornalismo e espaço público [recurso eletrônico] / Organizadora Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-491-7 DOI 10.22533/at.ed.917192407 1. Comunicação social. 2. Democratização da mídia. 3. Jornalismo. I. Hrenechen, Vanessa Cristina de Abreu Torres. CDD 303.4833
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A obra reúne pesquisas que contribuem para a elucidação do papel da comunicação na sociedade atual. Este e-book apresenta, inicialmente, a construção dos efeitos de sentido provocados pela notícia. O foco é voltado para a desconstrução da imagem social de outrem no sentido de negar a posição social ocupada pela vítima, diante da hierarquia estabelecida por seus respectivos papéis sociais.

Dentre os artigos, há o resgate da prática jornalística de um grupo de alunos e professores dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade de Passo Fundo no Projeto Rondon. O estudo apresenta uma discussão sobre a função social do jornalismo e traz o aprofundamento daquilo que é nomeado como jornalismo comunitário.

Nesta obra, também há o mapeamento da produção acadêmica brasileira acerca da Comunicação Pública, defendida e publicada em 2016, em nível de mestrado. O estudo toma a temática a partir de uma perspectiva mais ampla e é baseado nos documentos disponíveis na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da CAPES.

Outros trabalhos avaliam os desafios do profissional de relações públicas no cenário contemporâneo. Nesse contexto, um dos estudos apresenta as contribuições desses profissionais como principais atuantes em estratégias de aproximação. A pesquisa analisa o *storytelling* como prática utilizada pelas grandes marcas para criarem vínculos com seus públicos consumidores.

Além do mais, há artigos que buscam identificar a representatividade feminina na mídia. Um deles observa a forma como as propagandas de produtos para cabelo retratam a mulher negra e a influência destes na construção da identidade. Outro, faz um comparativo entre os signos presentes nos comerciais com o objetivo de identificar as mudanças no discurso, levando-se em consideração a ascensão do empoderamento feminino ao passar do tempo.

Nesta obra, os estudos em *comunicação* social abrangem os principais campos de atuação na área. De suma importância, os artigos avaliam as principais transformações ocorridas ao longo dos anos e revelam um panorama da realidade social contemporânea.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DESCORTESIA POR FUSTIGAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: EFEITOS DE SENTIDO NOS ATOS DE FALA	
Fabiana Meireles De Oliveira Rodrigo Leite Da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9171924071	
CAPÍTULO 2	12
A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NAS PROPAGANDAS DE PRODUTOS PARA CABELO	
Dandara de Fátima Arruda Regina Paulista Fernandes Reinert	
DOI 10.22533/at.ed.9171924072	
CAPÍTULO 3	26
A SUBJETIVIDADE INFANTIL REMODELADA PELAS INFLUÊNCIAS DO CONSUMO NA INTERNET	
Antonia Nirvana Gregorio Lima	
DOI 10.22533/at.ed.9171924073	
CAPÍTULO 4	37
COMUNICAÇÃO PÚBLICA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA RECENTE EM NÍVEL DE MESTRADO	
Fábio Pelinson Fabiana Pelinson	
DOI 10.22533/at.ed.9171924074	
CAPÍTULO 5	49
ESTUDO COMPARATIVO: O TRATAMENTO DA CRÍTICA DE CINEMA NOS WEBSITES METACRITIC E ROTTEN TOMATOES	
Calvin da Silva Cousin Gilmar Adolfo Hermes	
DOI 10.22533/at.ed.9171924075	
CAPÍTULO 6	62
IDEOLOGIA, PODER E RESISTÊNCIA COMO CONSTITUINTES DE UMA EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO CENTRADA NA ANÁLISE DO DISCURSO	
Eduardo Cardoso Braga	
DOI 10.22533/at.ed.9171924076	
CAPÍTULO 7	74
JORNALISMO COMUNITÁRIO NO PROJETO RONDON: A PRÁTICA DE DAR VOZ À COMUNIDADE	
Caroline Maria Beccari Sônia Regina Schena Bertol	
DOI 10.22533/at.ed.9171924077	
CAPÍTULO 8	86
O EMPODERAMENTO FEMININO NAS PROPAGANDAS DA LIBRESSE: UMA ANÁLISE DE SEMIÓTICA DA TRANSFORMAÇÃO DE DISCURSO	
Bianca Zancanaro Schinaider Hilario Junior dos Santos	

Geovana Lazzarotto

DOI 10.22533/at.ed.9171924078

CAPÍTULO 9	97
O USO DO <i>STORYTELLING</i> COMO ESTRATÉGIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS NAS CAMPANHAS DE GRANDES MARCAS	
Miriam Martins Felisberto	
DOI 10.22533/at.ed.9171924079	
CAPÍTULO 10	109
ORGANIZAÇÕES AUTOPOIÉTICAS: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE RELAÇÕES PÚBLICAS NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO	
Jóice dos Santos Bernardo	
Maria Luiza Cardinale Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.91719240710	
SOBRE A ORGANIZADORA	121
ÍNDICE REMISSIVO	122

JORNALISMO COMUNITÁRIO NO PROJETO RONDON: A PRÁTICA DE DAR VOZ À COMUNIDADE

Caroline Maria Beccari

Universidade de Passo Fundo, Faculdade de Artes e Comunicação
Passo Fundo – Rio Grande do Sul

Sônia Regina Schena Bertol

Universidade de Passo Fundo, Faculdade de Artes e Comunicação
Passo Fundo – Rio Grande do Sul

RESUMO: Este artigo tem a intenção de resgatar e registrar a vivência da prática jornalística de um grupo de alunos e professores dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade de Passo Fundo, no Projeto Rondon. Com a missão de realizar a cobertura dos acontecimentos da Operação Forte dos Reis Magos, o grupo de participantes teve a oportunidade de realizar uma produção jornalística voltada à comunidade rondonista. Exercer a profissão em um contexto sociocultural totalmente diferente do que estavam acostumados, vivenciar a rotina de uma cobertura diária que envolveu muitos quilômetros de estrada, dar a conhecer o Projeto Rondon e a Operação Forte dos Reis Magos para quem estava longe e para quem vivenciava, ações cumpridas em 18 dias de muito trabalho e dedicação do grupo, legaram um aprendizado intenso e permitiram o aprofundamento daquilo que é nomeado como jornalismo comunitário.

PALAVRAS-CHAVE: Função social do Jornalismo. Jornalismo comunitário. Cobertura jornalística. Projeto Rondon.

COMMUNITY JOURNALISM IN THE RONDON PROJECT: THE PRACTICE OF GIVING VOICE TO THE COMMUNITY

ABSTRACT: This article intends to retrieve and record the experience of the journalistic practice of a group of students and professors of the courses of Journalism and Advertising and Propaganda of the Universidade de Passo Fundo, in the Projeto Rondon. With the mission to cover the events of Operation Forte dos Reis Magos, the group of participants had the opportunity to carry out a journalistic production aimed at the rondonista community. Exercising the profession in a sociocultural context totally different from what they were accustomed to, experiencing the routine of a daily coverage that involved many kilometers of road, to make known the Projeto Rondon and Operation Forte dos Reis Magos for those who were far away and for those who lived, actions accomplished in 18 days of hard work and dedication of the group, bequeathed an intense learning and allowed the deepening of what is named as community journalism.

KEYWORDS: Social function of journalism. Community journalism. News coverage. Rondon

1 | INTRODUÇÃO

A vivência da prática jornalística com um grupo de estudantes orientados por uma professora, possibilitada pelo Projeto Rondon, levou-me a uma reflexão sobre as possibilidades de o jornalismo exercer de fato uma ação transformadora da realidade. Imersos em dez cidades do Nordeste brasileiro pelo período de 7 a 24 de julho de 2016, o grupo de estudantes de jornalismo da UPF – Universidade de Passo Fundo, do qual fiz parte, teve a chance de empregar na prática conceitos, numa imersão nunca antes imaginada desta atividade em uma situação sócio-histórico-cultural completamente diferente da que estávamos acostumados. Concordando com Gentili & Oddo (2015), minha reflexão me fez pensar que, em meio às contradições do capitalismo, que se volta ao lucro e se perde em relação ao social, o jornalismo aparece como forma de suprimento à necessidade de informações do que acontece nesse contexto de sociedade conturbada e individualizada (GENTILLI; ODDO, 2015). Para Gentili e Oddo (2015) a tarefa do jornalismo é produzir um conhecimento sobre a vida cotidiana e, assim, permitir aos sujeitos se localizarem no grande fluxo de acontecimentos do dia-a-dia. Ou seja, o jornalista funciona como mediador entre fatos, envolvidos e espectadores, para contribuir com a transformação da realidade social. Assim, os indivíduos em contato com as informações que o jornalismo fornece pode refletir sobre o cotidiano e, até mesmo, buscar modificar a sua realidade, quando esta se revela contrária aos direitos do cidadão e a democracia, isso, através das lutas conjuntas com a comunidade envolvida, através de atos e manifestações, por exemplo.

A autora Nidiane Saldanha Perdomo, usa como base para construir a ideia da função social do jornalismo o livro “Os Elementos do Jornalismo”, escrito por Kovach e Rosenstiel (2004 apud PERDOMO, 2015) em que registram como função primordial do jornalismo fornecer informações necessárias para que os cidadãos sejam livres e possam se autogovernar. Conceito este defendido, também, por Medina e citado por Perdomo (2015, p.15), onde todos os grupos sociais tenham a capacidade de tomar decisões de forma livre, após tomado o conhecimento claro sobre as situações por meio do jornalismo. Para Teodoro (2015), o jornalismo é um campo construtivo, no qual deve ser considerado o esforço do jornalista que, além de agregar à notícia o valor de noticiabilidade, consegue o valor de serviço, ou seja, além de útil pelo seu valor como fato é, também, útil pelo seu impacto direto na vida das pessoas. Esse valor agregado, de utilidade, “gera uma nova compreensão das funções da notícia e do jornalista na sociedade: a socialização da informação transforma-se em saber, o que possibilita progressos políticos e sociais” (TEODORO, 2015, p.4).

Teodoro ainda avança no tema e traz à discussão as ideias de Arrueta e

Fernandes (2013) que, em caráter de aviso, afirmam que o papel social do jornalista está em transformação. Isso, principalmente, se revela na diminuição da prática de um jornalismo informativo para um jornalismo mais interpretativo e literário. Um jornalismo que aprofunda o fato. Assim, os jornalistas devem visar a atuação decisiva na propagação de atitudes mais democráticas, pois “a informação tem uma função social relevante e é capaz de estimular o caráter plural de qualquer democracia.” (ARRUETA; FERNANDES, 2013, p. 11 apud TEODORO, 2015, p. 4-5)

Neste estudo o que proponho é, em primeiro lugar, registrar a prática do trabalho jornalístico; compreender o conceito de jornalismo comunitário; proporcionar a discussão acerca da real condição de praticar esse jornalismo comunitário através da aplicação nessa experiência; e, por fim, o legado indelével que a participação no Projeto Rondon talhou em meu próprio perfil de jornalista. Assim, no Capítulo 1 deste estudo discorrer-se-á sobre a função social do jornalismo comunitário, aprofundar este conceito de prática da profissão do jornalista através de embasamento teórico, buscando entender as características que marcam esse modo de fazer notícia que se alimenta da comunidade e gera frutos como retorno. No Capítulo 2 busquei discorrer sobre a experiência imensurável obtida na Operação intitulada Forte dos Reis Magos, do Projeto Rondon. Uma equipe de jovens universitários, sob coordenação de duas professoras da Instituição Universidade de Passo Fundo, da qual fiz parte, percorreu dez municípios do estado do Rio Grande do Norte, selecionados pelo baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), e, mais a capital, Natal, sede da equipe de comunicação, para registrar, documentar, e, principalmente, divulgar as ações e as marcas promovidas por este projeto na região. Foram dias de abnegação, dedicação e trabalho de uma equipe que se comprometeu com a informação além do factual, mas, preconizou a comunidade, buscando realizar uma cobertura jornalística humanizada em que a voz da comunidade rondonista fosse ouvida pelos canais de mídia do projeto em cada canto do território nacional.

Hoje acredito ser possível afirmar que o jornalismo produzido pela equipe de comunicação da UPF abraçou a comunidade e que a narrativa humana das atividades, lugares, pessoas que mantiveram contato com o projeto durante a operação Forte dos Reis Magos, ao meu ver, foi decisiva para um retrato coerente de cada detalhe sociocultural da região. Para entender se a cobertura jornalística se adapta ao conceito de jornalismo comunitário discorrer-se-á acerca da construção da definição desse fazer jornalístico, portanto.

2 | JORNALISMO COMUNITÁRIO E SUA FUNÇÃO PERANTE A SOCIEDADE

O jornalismo e a sociedade são como amálgama, uma mistura, uma união em que as ações de um geram reflexos no outro (PERDOMO, 2015). Cada jornalista tem uma responsabilidade para com a sociedade tão arraigada que é dever deste profissional não permitir que a força da lógica econômica prevaleça sobre a democracia. Se o

jornalismo age tão incisivamente na vida em sociedade um princípio prezado pelo profissional é a ética em suas ações. Perdomo cita:

O jornalismo proporciona tantos dilemas a seus profissionais porque tem em sua base o conflito e a pluralidade entre diferentes pontos de vista, e deve sempre manter um caráter idôneo para não perdera credibilidade que lhe outorga sua função dentro da democracia. (PERDOMO, 2015, p.17)

São tantos os desafios a serem enfrentados pelos jornalistas no que tange a tentação econômica e a linha editorial a que estão sujeitos. Mas para que a profissão possa fazer valer posição de defensora da democracia, acredita-se que jornalistas devem ter a ética como pilar de seus produtos jornalísticos. A função social que o jornalismo possui vai além de contar fatos da vida cotidiana, o jornalista pode não ser um super-herói que salva a população com notícias, mas é portador da munição que faz com que cada indivíduo na sociedade possa ser ou fazer mudança no contexto em que vive, a informação.

O nome dado ao espaço de mudança em que o jornalismo pode atuar incisivamente e proporcionar ainda mais democracia através da informação é a comunidade. Jornalismo comunitário, além de um conceito da profissão, é um modo de fazer jornalismo com e para a comunidade, a fim de valorizar a cultura de cada povo, e mais, proporcionar aos cidadãos um sentimento de pertencimento ao local social em que está inserido e, conseqüentemente, parte da informação que é extraída daquele lugar. O jornalismo comunitário abraça muitos dos princípios que a profissão detém para ser útil à sociedade, o papel social que tanto falamos. O jornalismo tem a capacidade de produzir registro histórico através dos fatos noticiados no presente, servindo, inclusive, como importante fonte documental que embasa estudos de diversos campos do conhecimento. Raquel Paiva (p. 62, 2006) enfatiza que “para o bem ou para o mal, esse lugar alcançado pelo jornalismo define quem somos”. Se a profissão de comunicadores oferece a possibilidade de retratar a história de um povo, muito mais do que receptores do produto midiático a comunidade passa a ser protagonista e em conjunto participantes do processo de construção do jornalismo e conseqüentemente do registro de sua biografia.

Esses relatos sociais que contam com a presença enfática da comunidade há 10 anos eram temáticas esquecidas pelos profissionais do jornalismo, segundo Raquel (2006). Para a autora os estudos e a prática de narrativas inclusivas, que dão lugar ao comunitário, iniciaram nas décadas de 60 e 70, no que tange a América Latina. Já entre os anos de 80 e 90 diminui, ainda mais, a ênfase na temática comunitária. Mas para Paiva, em 2006 o cenário se modificou e a comunicação comunitária despontou em todo o mundo e de maneira bem intensa no Brasil (PAIVA, 2006). Dado um breve histórico da prática dessa forma de jornalismo que envolve a população, cabe uma definição, um conceito de “jornalismo comunitário”, o assunto base desse artigo. Para a construção deste conceito Sequeira e Bicudo (2007) reuniram em seus estudos as opiniões e definições de três grandes autores do campo da comunicação, são eles:

Felipe Pena, José Marques de Melo e Pedro Celso Campos.

Para Felipe Pena o jornalismo comunitário consiste em um instrumento de mobilização social. Também, tal proposta de fazer jornalístico deve atender as demandas da cidadania e o profissional precisa ter um olhar da comunidade, que represente o envolvimento dele com aquela população e transferir esse sentimento de pertença para as notícias, os materiais que vir a produzir. Em complemento dessa ideia Marques de Melo afirma que para a comunicação ser considerada comunitária é preciso a participação dessa comunidade, o jornalismo feito por e para a comunidade. Já Campos, em entrevista para Sequeira e Bicudo, traz para a discussão o cenário atual de produção jornalística que abrange uma tecnologia avançada que modificou as formas atuais de interação e produção, mas, que não elimina os interesses comunitários. A demanda da comunicação comunitária continua como um espaço de voz para os excluídos e um instrumento de organização e resistência na sociedade. Enfatiza o caráter de proximidade que o jornalismo comunitário detém. (SEQUEIRA; BICUDO, 2007). A partir da contribuição desses três autores e suas definições Sequeira e Bicudo formularam cinco características que marcam o jornalismo comunitário.

As três referências teóricas nos dão as pistas para identificar pelo menos cinco características marcadoras do jornalismo comunitário, responsáveis por garantir ao segmento personalidade, autenticidade e registros muito nítidos de uma carga genética (“DNA”) exclusiva: a) valorização da realidade local; b) participação da comunidade durante todo processo de produção; c) consagração das ideias da mobilização e da transformação; d) resgate de um viés pedagógico e educativo; e) articulação com a produção independente e de resistência (SEQUEIRA; BICUDO, 2007, p. 9).

O local é quem dá as pautas no jornalismo comunitário. E a proximidade do jornalista com a comunidade facilita a troca de informações, justamente esse diálogo faz com que o material produzido reflita a realidade daquela população, assim, as pessoas se veem de fato representadas no produto jornalístico final. Esse fazer comunitário é como um resgate do objetivo inicial da profissão que nasceu, justamente, para romper barreiras dos segredos da Idade Média. O comunitário não enfatiza o “furo” da notícia, mas se preocupa em compartilhar conhecimento e socializar problemáticas específicas da comunidade (SEQUEIRA; BICUDO, 2007).

A prática de tal jornalismo ligado e preocupado com a comunidade tem uma função social de extrema relevância que é, conforme Sequeira e Bicudo (2007), “democratizar a informação e incentivar ações de cidadania”. Essa ideia é complementada por Ribeiro e Ortiz (p. 4) na medida em que concluem o jornalismo comunitário como agente na busca do resgate da identidade individual e coletiva da sociedade na qual está inserido esse cidadão. Ou seja, valoriza a cultura local ao despertar no sujeito da comunidade o sentimento de pertencimento a esse nicho social. Além disso, para eles a prática do jornalismo comunitário dá a possibilidade de a “comunidade ser sujeito e não apenas objeto da comunicação” (p. 10). Afinal, o

próprio jornalista vê com os olhos da comunidade. É necessário entender o processo de construção da comunicação comunitária em que o respeito às diferenças e o pensamento coletivo são base. Para construir uma comunicação bilateral conhecer a comunidade é prática fundamental. Detectar as lideranças para conhecer através delas os ideais, a vivência em comunidade e a identidade cultural, para Ribeiro e Ortiz, compõe o processo de construção do jornalismo comunitário com eficácia. Com essa ênfase na comunidade e em suas tradições e vivências o jornalismo age como promotor de autoestima do cidadão em relação a cultura local, é a valorização das características únicas de um povo (RIBEIRO; ORTIZ).

O retrato da comunidade através do jornalismo pode, portanto, remeter ao Projeto Rondon, coordenado pelo Ministério da Defesa. Universitários, professores, as Forças Armadas Brasileiras e, principalmente, a população dos municípios que recebem o projeto se transformam em uma comunidade, a comunidade rondonista. Fazer comunicação com e para essa coletividade, acredita-se, revela o mais intrínseco propósito do jornalismo comunitário, dar voz para pessoas, contar histórias, multiplicar ações.

3 | COBERTURA JORNALÍSTICA DO PROJETO RONDON: A VOZ DA COMUNIDADE RONDONISTA EM TEXTO, SOM E IMAGEM

No dia 6 de julho de 2016 oito estudantes universitários e duas professoras da Universidade de Passo Fundo embarcaram para uma experiência jornalística nunca antes vivenciada por nenhum grupo, do curso de jornalismo da universidade, no Projeto Rondon. A missão de imergir na vivência da comunidade rondonista, para registrar em texto, som e imagem cada ação, realizada em comunhão entre rondonistas, população local e integrantes do exército, mobilizou o espírito humanitário dos futuros jornalistas e publicitários do grupo, e, além disso, permitiu o contato desses com o jornalismo comunitário. Comunidade, então, pode ser definida como palavra fundamental enraizada desde os primórdios no Projeto Rondon.

Coordenado desde 2005 pelo Ministério da Defesa, o Projeto Rondon surgiu em 1967, quando uma equipe de 30 universitários e dois professores pisaram em solo amazonense para conhecerem de perto a realidade da região e entender no que a comunidade acadêmica poderia colaborar para o desenvolvimento da localidade. O nome do projeto deu-se em homenagem à Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, um militar bandeirante, verdadeiro desbravador e homem que exerceu em suas ações o espírito da coletividade. O objetivo do projeto é aflorar o sentimento de cidadania nos estudantes universitários e contribuir com o desenvolvimento sustentável, o bem-estar social e a valorização da cultura de comunidades com baixo índice de desenvolvimento, isso usando as habilidades universitárias. A dedicação do primeiro grupo de indivíduos preocupados com o bem-estar da nação inspira, até

hoje, os rondonistas de cada operação do Projeto Rondon.

Não foi diferente com os selecionados para a Operação Forte dos Reis Magos, que aconteceu em dez cidades, mais a capital, no estado do Rio Grande do Norte. Foram 20 Instituições de Ensino Superior (IES), com grupos de 8 alunos e coordenados por 2 professores, que somados a equipe de comunicação totalizaram 210 rondonistas. A abertura oficial ocorreu no dia nove de julho, no auditório da Escola de Governo de Natal, mas a operação havia iniciado bem antes, pois, ainda espalhados pelo Brasil, os rondonistas se reuniam para construir atividades, preparar oficinas, confeccionar materiais. Já o Ministério da Defesa em conjunto com as Forças Armadas - Exército, Aeronáutica e Marinha - organizavam a estrutura para locomoção dos rondonistas e acessibilidade aos municípios participantes, estes, por sua vez, preparavam sua cidade e seus corações para receber jovens universitários entusiasmados para doar e receber conhecimento em uma troca de experiências imensurável, a qual resultou em um montante considerável de produtos jornalísticos e pode, também, ser avaliada pelos números abaixo, sobre os quais a seguir também faremos a reflexão tanto de sua concepção quanto de seus resultados:

Atividades realizadas pela ComSoc UPF na OFRM	Nº produtos
Textos para o site	35
Cards para o facebook	45
Gif para facebook	20
Foto legenda para facebook	10
Twitter	200
Fotos Instagram	100
Álbuns de fotos para o Facebook	06
Banner rotativo para o site (para as duas operações)	03
Vídeos YouTube e Facebook	50
Teaser para rádios locais	01
Anúncios para rádios locais	10
Exposição de fotos recepção (IES)	21
Exposição de fotos no encerramento (IES, Coordenação, Militares de Ligação e Comando do Batalhão)	40
Entrega de CDs para IES, Coordenação (vídeo de encerramento e alternativo)	30
Entrega de fotos tratadas para a COMSOC do 16 BIMTZ	50
Vídeo de Encerramento	01
Vídeo Alternativo	01

Clipping	01
Total de Registros Fotográficos	9.000
Participação vídeo institucional	01
Release para mídias de Passo Fundo e Região	10
Reportagens da Operação na UPF TV	04

A equipe de comunicação, ainda em solo passofundense, refletia acerca de projetos de ação para realizar durante a cobertura. Projetos esses, que unissem a técnica jornalística e a humanização, um jornalismo muito além da mera descrição dos fatos, um jornalismo feito em conjunto com a comunidade rondonista. A meta era fazer a Operação Forte dos Reis Magos ser vivenciada até mesmo por quem não estava no local, através de seus canais midiáticos, e conseguir com que cada membro da comunidade rondonista da operação enxergasse seu trabalho, sua cultura, suas histórias e emoções registradas e compartilhadas. Com propósitos estabelecidos e com concepções teórico-metodológicas derivadas do jornalismo comunitários, portanto, o grupo partiu para a execução de seu plano de trabalho.

Do dia 10 até 23 de julho os rondonistas se dirigiram as dez cidades participantes, duas instituições de ensino por município. A equipe de comunicação iniciou, então, uma intensa relação com a estrada. Foram quilômetros percorridos para que a equipe pudesse acompanhar as atividades dos rondonistas nas 10 cidades. Depois da coleta do material nos municípios, o retorno para a capital, Natal, onde hospedados no 16º Batalhão de Infantaria Motorizado, fizeram desse lugar ambiente de trabalho e lar.

Muitas oficinas, atividades culturais, cursos, ações socioambientais começaram a ser colocadas em prática e a equipe de comunicação em textos, *facecards*, *tweets*, vídeos, fotos, divulgava cada acontecimento. A preocupação com a técnica jornalística era constante, mas além de focar na qualidade de apresentação do material jornalístico da cobertura era necessário entender o que estava sendo registrado e, acima de tudo, que cada produto carregasse as características de um fazer jornalístico comunitário, ou seja, envolvesse a comunidade rondonista em cada produção.

Uma das propostas do grupo foi trazer em vídeo o retrato da região, o localismo, revelar as paisagens e as pessoas que a compunham, uma série que se chamou “Caminhos do Rondon”. Nela a comunidade poderia enxergar o seu lugar sendo revelado em som e imagem, e por si mesmas. Raimundo de Araújo, cidadão de Acari, município da região do Seridó, foi o personagem que apresentou a história da cidade, e a triste realidade da falta de água. José Augusto Medeiros, no mesmo vídeo, foi quem apresentou a história de Serra Negra do Norte, cidade hospitaleira, abençoada por Nossa Senhora do Ó. Para que essas histórias ganhassem forma de reportagem foi preciso conversa, pesquisa, aproximação, apesar do tempo curto,

com a comunidade rondonista desses dois municípios. Trazer a cultura e os relatos da vida em Acari e Serra Negra deu a cobertura jornalística da OFRM um caráter humano, e valorizou um povo, um lugar. Assim, ultrapassou o limite da objetividade e deixou a marca da sensibilidade no envolvimento com as histórias contadas, por isso mais humano, pelo envolvimento com o outro e com o ambiente em questão. Isso, em cada episódio do “Caminhos do Rondon”.

Nessa mesma proposta de revelar a face da comunidade rondonista surge a segunda série de vídeos denominada “Perfil rondonista”. Devido a presença diversa de alunos e professores universitários de todo canto do país essa proposta revelou as peculiaridades das regiões as quais os rondonistas pertenciam. Ou seja, nos vídeos foram exploradas as diferenças de cada região do país presente na Operação Forte dos Reis Magos, através dos rondonistas. Por exemplo, em um dos vídeos foi reproduzida uma batalha de gírias, um catarinense e uma mineira, que mora em São Paulo, falam gírias dos locais onde nasceram para que o oponente adivinhe os significados. Cultura de dois estados misturadas em um produto audiovisual e como plano de fundo uma escola do Rio Grande do Norte. Mistura de sotaques, traços, paisagens que revelam o quão plural é a comunidade rondonista.

Também, em audiovisual, foram lançados “VT’s” diários, que mostravam as atividades que os rondonistas estavam desenvolvendo nos municípios. Nesses vídeos, a palavra ficou a cargo dos rondonistas que ministravam as oficinas e da população local que participou das atividades e que recebia os rondonistas. Assim, cada produto audiovisual foi feito com a colaboração da comunidade. Além das séries de vídeo, foram produzidos boletins diários com as atividades de todos os municípios. A construção desses boletins contou com a colaboração efetiva dos rondonistas, pois cada cidade delegou um responsável por enviar à equipe de comunicação materiais para a edição dos mesmos, -como fotos, vídeos curtos e informações sobre as atividades, cursos e oficinas. Desse modo, reforça o caráter de construção conjunta dos materiais divulgados pela ComSoc (Comunicação Social) da Operação Forte dos Reis Magos. Muito além de meros espectadores ou apenas protagonistas dos produtos jornalísticos, a população local e rondonistas tiveram participação efetiva na confecção dos vídeos, e, também, dos textos, como veremos.

Uma marca dessas séries de vídeos e dos textos escritos para o site oficial do projeto foi a valorização da arte e cultura locais, pois, a equipe de comunicação encontrava em cada município pessoas que de alguma forma expressavam seus sentimentos através da arte. Poemas, canções entoadas com voz ou instrumento, deram vida aos vídeos e textos da operação. Um dos textos publicados, chamado “Serra Negra de histórias mil”, inicia com um trecho da canção entoada pela cozinheira Adalzira. Ela canta à cidade e mostra todo amor pela terra natal aos “estrangeiros” rondonistas que ali chegaram. Estes elementos culturais acrescidos aos textos, vídeos e, também, a todo material fotográfico divulgado nas redes sociais (facebook, twitter, Instagram) humanizaram a cobertura jornalística da Operação

Forte dos Reis Magos. Pois, além das fotos das atividades, dos rondonistas, foram divulgadas praças, monumentos, ou seja, a história e a arte do lugar. A equipe procurou valorizar, além das atividades do projeto, traços históricos e culturais dos municípios participantes.

A produção de cada peça jornalística foi coordenada pela professora mestre da Universidade de Passo Fundo e jornalista responsável pela equipe de comunicação, Nadja Hartmann. Cada produto passou pela aprovação do coordenador de Comunicação Social do Projeto Rondon, Ministério da Defesa, na pessoa do Coronel Alexandre Scholtz. Assim, na chegada dos aviões da Força Aérea Brasileira, no aeroporto de Natal, nas cerimônias de recepção e no passeio ao ponto turístico de Natal que deu nome à operação, Forte dos Reis Magos, a equipe de comunicação estava lá para registrar. Na saída dos rondonistas do exército rumo aos municípios, na chegada e recepção dos rondonistas nessas cidades, no primeiro contato, no abraço de boas-vindas, a equipe de comunicação estava lá para registrar. Na feira de saúde, no desfile de aniversário da cidade, nos cursos e oficinas que formaram multiplicadores, na sessão de cinema na praça, na limpeza da orla da praia, a equipe de comunicação estava lá para registrar. Na última noite no município, no retorno à capital para as cerimônias de encerramento e até no abraço de despedida, a equipe de comunicação estava lá para registrar. Cada sorriso, cada canto, cada paisagem, cada trabalho, o que a Operação Forte dos Reis Magos construiu em cada município participante foi registrado por lentes afiadas e por uma equipe sedenta por contar histórias reais, revelar culturas locais, mostrar multiplicadores formados e prontos para levar adiante todo ensinamento recebido e relatar a experiência de rondonistas que na bagagem trouxeram para casa muito amor, gratidão, lições de vida e de cidadania geradas pela coragem de doar um pouco do seu tempo e de conhecimento adquirido na sala de aula. O que a equipe de comunicação registrou foi a formação e a vivência de uma nova comunidade, a rondonista, da Operação Forte dos Reis Magos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos 18 dias de trabalho da cobertura jornalística da Operação Forte dos Reis Magos, do Projeto Rondon, a equipe de comunicação social da Universidade de Passo Fundo se preocupou em realizar um trabalho baseado no pilar base do projeto, a promoção da cidadania. Demonstrar o efeito sociocultural que a presença dos rondonistas gera nas localidades atendidas foi um dos focos, porém, o mais importante foi registrar em cada produto jornalístico a verdadeira cara do Rondon, a face humanitária, preocupada com a população, e encorajadora de cidadãos mais conscientes da função social que exercem através de suas escolhas profissionais. Os produtos realizados pela equipe de comunicação demonstraram o desejo de que a

cobertura fosse voltada ao jornalismo comunitário, pois envolveu ativamente cada elemento da comunidade rondonista formada na Operação.

Desde a contribuição dos rondonistas nos vídeos boletins, até a construção das histórias dos municípios revelada através da fala dos moradores. Cada elemento apresentado nos produtos jornalísticos da Operação Forte dos Reis Magos foi inserido tendo por foco a humanização dos vídeos, dos textos, das fotos, dos facecards e das fotos-legenda.

Toda a elaboração deste artigo me levou a concluir que o jornalismo nasceu como profissão que exerce uma função social de extrema relevância, a defesa da democracia. Na mão dos jornalistas está a oportunidade de munir a população com uma arma poderosa que os deixa livres para deliberar suas ações e suas escolhas, a informação. Se o jornalismo trabalha em prol da sociedade não há como deixar de olhar ou não dar ênfase à uma prática jornalística que valoriza as pessoas, as peculiaridades culturais e sociais de uma determinada população, de uma comunidade. O jornalismo comunitário pretende integrar profissionais e população para que juntos construam um produto jornalístico que revele, de fato, as vivências, os ideais, as necessidades, a cultura dessa comunidade. Para que as pessoas se enxerguem, verdadeiramente, nas notícias, sintam-se parte da realidade apresentada na TV, nos jornais, nas redes.

A Operação Forte dos Reis Magos do Projeto Rondon ofereceu a cada membro da comunidade rondonista a experiência de ensinar, aprender, e, em especial, se doar. Doar conhecimento, tempo, amor, cultura e muitos abraços de acolhida, tanto de quem recebeu o desconhecido em sua terra natal, como de quem chegou em um local até então desconhecido. Para a equipe de comunicação, singularmente, a oportunidade de realizar a cobertura jornalística proporcionou uma vivência diária com a prática jornalística comunitária, o fazer jornalismo se envolvendo com os atores e permitindo a eles participar da construção desse jornalismo. Novas formas de ver o audiovisual, de encaixar as palavras, de ângulos de fotos, todo esse aprendizado sendo absorvido em meio a uma intensa rotina de muita estrada percorrida, de muitos lugares a serem desbravados, de muitas histórias prontas para serem ouvidas e relatadas. Essa experiência, inigualável, acrescentou a esses futuros profissionais da comunicação uma bagagem humanitária e técnica sem igual. Este é apenas um artigo-relato que conta algumas linhas de um “livro-vida” gigantesco de narrativas vividas no Projeto Rondon.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Defesa. **Projeto Rondon**. Disponível em < <http://www.projettorondon.defesa.gov.br/portal/> >. Acesso em: 05 fev. 2017.

GENTILLI, Victor; ODDO, Marco Vito. **O jornalismo na “Modernidade líquida”: implicações éticas da relação entre Jornalismo e “pós-modernidade”**. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2015, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/>

resumos/R10-0905-1.pdf. Acesso em: 2 jan. 2017.

PAIVA, Raquel. **Jornalismo comunitário: uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático)**. In: Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 30, dez. 2006. P. 62-70. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3376/2641>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

PERDOMO, Nidiane Saldanha. **A função social do jornalismo no mercado de notícias**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/125969/000972046.pdf;sequence=1>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

RIBEIRO, Fernanda; ORTIZ, Daniel. **A função social do Jornalismo comunitário**. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/6/6a/GT1-_08-_A_funcao_social-_Fernanda_e_Daniel.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2017.

SEQUEIRA, Cleofe; BICUDO, Francisco. **Jornalismo comunitário: conceitos, importância e desafios contemporâneos**. Santos, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0507-1.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

TEODORO, Deborah Cunha. **O jornalismo literário de Eliane Brum: uma reflexão sobre ética, deontologia jornalística e responsabilidade social**. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2015, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1921-1.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Comunicação 3, 4, 24, 26, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 60, 74, 82, 83, 84, 85, 108, 109, 119, 121

Comunicação pública 37, 40, 41, 47, 48

Consumo 26, 35, 36

E

Empoderamento feminino 86

I

Identidade 12, 24, 73

Ideologia 11, 72

Internet 26

J

Jornalismo 3, 4, 26, 49, 50, 55, 56, 57, 60, 74, 75, 77, 84, 85, 121

Jornalismo comunitário 74, 77, 85

Jornalismo cultural 60

M

Mestrado 37, 39, 40, 42, 43, 47, 48, 109

Mulher 5, 12, 15, 18, 24

P

Produção científica 37

Publicidade 4, 12, 36, 74, 96

R

Relações públicas 107, 108, 110, 119, 120

S

Storytelling 97, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-491-7

